

CADERNO DE LEITURAS N.133

# *contínua maternidade e isolamento social*

Alice Bicalho

Babi Amaral

Barbara Lito

Carla Maia

Junia Mortimer

Mari Polke

Maria Elisa Macedo

Marina Guimarães

Sylvia Amélia

**CURADORIA**

Maria Carolina

Fenati



Esta é a segunda vez que a coleção Caderno de Leituras publica um número a partir das relações entre maternidade e isolamento social – o primeiro foi em outubro de 2020 (Caderno de Leituras n.116) –, com intervalo de quase um ano entre eles. Talvez naquela época – quando já estávamos no limite de tudo, político, sanitário, humanitário, e também, não raramente, das nossas forças, da nossa alegria – fosse inimaginável suportar a pandemia por mais tanto tempo. Continuamos nela, e com crianças ao redor.

Desta vez, nove mulheres escrevem sobre o que têm vivido, e eu agradeço, como também àquelas que não puderam escrever. Não há quase nada tão contínuo quanto a maternidade, e essa persistência do vínculo é ao mesmo tempo assustadora e afirmativa da saúde. Quero dizer que são as crianças que repetidas vezes acendem a alegria e o riso, nos lembram de comer, e de que é engraçado viver. Quero dizer também que, mesmo quando nada apetece, quando estamos exaustas e tristes, aquele par de olhos infantis ainda nos olha, e reivindica o futuro que, afinal, é seu direito. É diante desses olhos que essas mulheres escrevem, e, se ainda teremos que atravessar tempos terríveis, sabemos também que, quando estes passarem, quando este país sair do enorme buraco em que se meteu, quando tivermos que reconhecer aquilo que nos tornamos, continuaremos com crianças ao redor.

Maria Carolina Fenati

# No quintal da minha infância

Alice Bicalho

Ser mãe: o extraordinário é o mais comum. E não seria exagero dizer que o comum é o mais bonito. É o que sinto. Ainda assim, eu tenho medo da morte. Sempre tive e agora tenho mais. Um medo enorme. Por isso eu cuido da vida. Sem saber muito bem para quem, em pensamento, eu peço para viver por muito tempo com a presença da menina que já foi bebê e cresce. Desde março de 2020 tem sido assim, eu peço isso silenciosamente, todos os dias.

Eu soube que a minha filha já existia quando ela apareceu no meu sonho, sorridente, muito parecida com quem ela realmente é. O amor, ele está no encanto que tenho pelo traço que ela faz no papel, pelo timbre da sua voz, pela alegria que ela tem, pelo jeito como dança e ri. Ao mesmo tempo é preciso pensar que eu exerço uma função, e que muitas vezes não sei como fazer, eu vou aprendendo e só sei depois que passou. Nós somos absolutamente contemporâneas, esse é o encanto e o medo.

Não gosto de pensar no mundo que perdemos, nem no que virá ou quando virá. Para sobreviver à ansiedade, prefiro pensar que a realidade é inalienável e que, portanto, eu que me adéque. Vou reaprendendo a gostar de brincar, apesar de me sentir muito velha para isso. Eu já brinquei e fantasiei muito, e dessa época só continuo gostando de inventar. Hoje eu gosto de ser adulta, essa é minha brincadeira. Ao mesmo tempo, não é possível ser só adulto ao lado de uma criança, então vou aprendendo a ceder, a deixar-me permear e atravessar pelo novo, e ele vai, muitas vezes, abrindo portas às reminiscências. Antigos sons, cheiros, memórias, sentimentos vêm me visitar e por um átimo tomam o meu corpo como uma palavra na ponta da língua, um sopro que não chega a se materializar. Isso é

ser criança de novo? Ou ser o que eu era quando criança: uma pluma em um vendaval de sensações.

Uma imagem não sai do fundo dos meus olhos: o quintal da casa em que vivi nos meus dez anos. Um bosque gramado, numa vila perto da floresta. E talvez ser mãe seja parecido com minhas tardes ali, sozinha. O maior encanto que me fazia ir e o grande medo indo junto. O medo virando alguma história que eu inventava e ia narrando para conseguir dar o próximo passo. E o encantamento sendo sempre o mais difuso a atravessar tudo, fazendo valer a pena.

# inventário isolado

Babi Amaral

dia 01

dizem que isso vai durar pelo menos três meses.

dia 02

falei com gorete e ela disse que queria continuar vindo trabalhar.

sobreviveremos.

ela e eu.

dia 03

trabalhei, almocei e de sobremesa brinquei com as crianças. não sinto saudade de correr tanto.

dia 04

hoje francisco ensaiou andar. lembrei de quando helena andou pela primeira vez e gorete me enviou um vídeo.

dia 06

às vezes sinto que o meu colo não é suficiente.

luaminguante  
cabeçacheia

dia 07

alguns dias parecem milagres. céu, corpo, água, luz  
e um amor que sai pelos poros.

dia 08

helenas disse que a pandemia foi boa  
porque agora eu almoço todo dia  
em casa.

*{para lembrar}* apesar de tudo há sempre  
algo maravilhoso acontecendo

dia 10

eles me cansam e me salvam na  
mesma proporção.

dia 11

seis anos de helenas e eu ainda não me acostumei com esse  
acontecimento todo.  
filho cresce e leva a gente junto.

dia 13

as noites têm sido maiores.  
os medos também.

dia 14

entre um zoom e outro, eu vivo.

dia 19

helenas acordou de um pesadelo e disse que não quer morrer.\*

\*alguém quer?

dia 40

o isolamento desola.

dia 41

não dormi bem essa noite.

dia 43

não dormi bem essa noite.

dia 47

não dormi nada essa noite

dia 51

hoje ganhei bolo e carta.

amigo é casa.

dia 52

li uma matéria falando que o vírus pode estar nos alimentos.  
joguei o bolo no lixo e chorei durante o banho. ninguém viu.

dia 68

o vizinho faz churrasco e samba.  
eu faço de tudo.

dia 73

acabei com três velas só hoje.  
haja reza.

dia 78

sinto falta de silêncio.

dia 82

acabou:  
ração,  
fralda,  
paciência.

dia 88

helenas me perguntou se falta muito  
t e m p o para isso acabar.  
na falta de resposta fiz brigadeiro.



dia 94

hoje mais um menino morreu.  
mais um menino preto morreu.  
levei as crianças pra minha cama e chorei como há tempos  
não chorava.

dia 100

cem dias que não sinto o cheiro da minha mãe.

dia 112

estou exausta.

dia 114

francisco chorou muito.  
eu também. depois que  
passou aproveitei para  
colocar o feijão de molho.

dia 145

sinto saudade de tudo.

dia 151

festa online com bolo de banana.

dia 152

minha saudade anda apertada.

dia 153

cem mil vidas perdidas e eu  
aqui isolada  
reclamando da saudade.

dia 168

hoje eu me peguei pensando na possibilidade disso nunca acabar.  
como é que se vive com o nunca?

dia 170

helená acordou me perguntando se morrer dói. respondi que não  
sabia porque eu nunca tinha morrido.

achei melhor mentir

dia 178

um cansaço que sai pelos buracos do corpo e vidas perdidas e uma  
violência sem fim e um cansaço e morte e morte e morte e eu aqui  
tentando não morrer todo dia um pouco

dia 191

tenho sentido tudo.

dia 192

ontem chorei lendo ana cristina César.

dia 228

qualquer palavra – saudade, cansaço – se repetida muitas vezes começa a perder o sentido.

dia 235

é possível uma pessoa amar seus filhos e não gostar de ser mãe?

dia 236

não lembro da última vez que fiquei sozinha.

dia 240

heleninha me disse que prefere aprender com a professora do que comigo.

não levei para o lado pessoal.

dia 242

faz três dias que sonho com meu pai.

dia 243

hoje a gente deitou no chão do quintal pra ficar olhando as nuvens. tem dia que parece milagre. eu repito feito reza que é para não esquecer.

dia 244

escrever como forma de organizar o mundo.

dia 257

água com limão, cúrcuma, vinte gotinhas de própolis

dia 280

minha saudade anda espalhada em pequenos espaços geográficos onde pedaços do meu coração residem.

dia 298

o mundo realmente está  
tremendamente esquisito.

dia 320

quem sou eu na fila da vacina?

dia 321

pg morreu.  
não trabalhei.  
não almocei.  
hoje eu não consigo.

dia 323

voltei a escutar música.

dia 324

tem dias que parecem milagre.

dia 330

a sensação de estar num parque de diversões ruim presa numa montanha-russa sem fim.

dia 378

vez ou outra enlouquecer numa tentativa de não enlouquecer.

dia 401

tenho tomado muita água e falado de amor.

dia \_\_\_\_

# Fresta

Barbara Lito

Fecho os olhos. Inspiro fundo, retenho o grito – tenho exercitado firme para não pedir as coisas aos berros.

Eu e ele. Um ano e um mês. No início eu me sentia num desses filmes de cataclismos, em que os personagens têm que se esconder, juntar provisões, acudados em bunkers e sem saber muito bem como anda o resto do mundo lá fora. Nosso isolamento é nutella, apesar de todo o perrengue. Nesse tempo perdi a conta de quantas rotinas ocasionais negociamos, tentando manter alguma espécie de sanidade dentro dessa nova normalidade.

Aqui e agora fomos criando um mundo desse caos, do encontro das minhas ressonâncias com as dele, dos nossos desejos, ansiedades, raivas, dos nossos projetos (des/re)feitos, nossas frustrações, nossos medos, nossas bobearias, nossos sonhos, nossas concretudes.

Faz seis meses que ele não abraça o pai, que está na linha de frente de combate à pandemia.

Ele deixou o cabelo crescer nesse tempo. Também aconteceu (meio de repente) a grande virada dos seis para os sete anos. Naquela velocidade que é das crianças, parecida com a dos fungos, vi brotar de dentro do escuro dele um humor novo, novas questões filosóficas, a escrita espelhada, a fluência na leitura, o aprofundamento nos enigmas humanos. Os dentes ainda não caíram. Eu, que não deixo de ficar surpresa com a maravilha dos estirões, vou me adaptando enquanto piso em minilegos, que se escondem em todos os cantos improváveis da casa e se reproduzem durante a noite, que se espalham por todo o horizonte visível. Minilegos como rastros de um corpo de menino-ciclone.

Ele vê uma mãe às vezes aflita, que às vezes grita, que chora pouco, que sente dor nas mandíbulas sempre, que não gosta de brincar

de brinquedo, que ama o abraço sem pressa de todas as manhãs e prepara os sustos mais originais. Que conta coisas absurdas como se fossem verdades e não consegue ficar séria para que ele acredite por mais de alguns poucos segundos.

Também viu a mãe enraizando. Buscando o caminho de ser mais órgãos e menos olhos. Redescobrando o stop motion. Pegando uns bicos. Dando nó em pingo d'água.

Tomando umas rasteiras. E se recompondo.

Ele aprendeu a tirar, com minha cara, sarros tão bons quanto os que tiro dele. Aprendeu o que é ironia, finalmente. Aprendemos os dois, quase juntos, a editar vídeos. Ele aprendeu, de um jeito definitivo, a me vencer pelo cansaço.

Eu ainda estou aprendendo a deixar ruir.

E aprendi a fazer empadão. Já passei pela fase das comidas afetivas e acho que ele curtiu, apesar de ele preferir sempre a quentinha da Célia que pedimos de vez em quando. Não teve um dia em que eu não tenha falado: vai escovar os dentes, vai tomar banho e vai arrumar essa bagunça. Ele agora, finalmente, vai de primeira. E às vezes me surpreende indo sem eu pedir. Às vezes ele perde direitos. Às vezes eu cedo.

Já passei pela revolta total, pelo desejo de que algum sabotador russo entrasse em ação, pela desesperança de prever aquela velha anistia dos culpados dessa lama tão grande em que estamos. Aí, no meio de tudo, eu acompanho o nascimento de milhares de personagens, que logo se transformam e viram armas, veículos, ferramentas, robôs, cavernas... E com eles um milhão de nomes e enredos. E a multiplicação de revistinhas autorais, guardadas numa pasta que estourou com o tamanho da sua criatividade.

Ainda dormimos juntos.

Este mês ele começou a dormir num colchãozinho ao lado do meu. Eu às vezes tenho insônia e ouço que ele às vezes range os dentes ou gargalha no sono. Quase nunca lembra dos sonhos e quase sempre tem medo de ir fazer xixi sozinho no meio da noite.

Num dia desses de tédio entramos debaixo de uma coberta e fingimos que estávamos na barriga de um monstro roxo. Mas, como a gente estava com amnésia na ocasião, achava que ali era o mundo inteiro. Ele foi esperto e foi engolido com uma lanterna. No final, fomos vomitados para fora, porque ficamos com calor e sem ar. Ele não se lembra mais que a gente fazia isso quando ele era menor, a gente adorava ficar debaixo de panos, se olhando e falando baixinho.

Ele já não lembra de quase nada de quando era menor.

Esqueceu totalmente a maior parte da sua vida, salvo uma ou outra coisa que volta em lampejos, no meio do nada. As memórias que ele está construindo a partir de agora têm essa reclusão como pano de fundo. As coisas que ele adorava fazer vão deixando de ter sentido, uma a uma, e vão caindo nesse grande esquecimento de si, enquanto e simultaneamente ele se inventa como um garoto grande. Um garoto grande crescendo durante uma pandemia mundial.

Menos os livros. Nisso ele ainda é quase o mesmo.

Toda semana dançamos na sala, e dessa parte eu gosto tanto.

Recentemente, numa dessas listas de som do YouTube, caímos sem querer no rock pop dos anos 1980. Eu lavando a louça e ele montando uma das mil variações de nave inventadas por segundo, antes de vir somar forças no trabalho doméstico. Aquela parte da rotina dura, todo dia sempre igual. Chatice que tem que ser. No simples, quase despercebido, eu estava cantando as músicas das festinhas a que eu ia, mais ou menos na idade que ele tem agora. Percebi ele muito silencioso e cada vez mais chocado. Os olhos atentos: aquelas sonoridades naquelas letras que ele nunca tinha escutado, no meio de um troço que nós dois detestamos fazer, que é lavar louça. Eu esfrego e depois ele vem e enxágua. Todo dia. Ouvindo e cantando músicas.

Nesse dia, eu lavando e cantando alto. Ele escutando. Quietamente.

Coração ligado, beat acelerado. Vejo um programa que não me satisfaz, leio um jornal que é de ontem mas pra mim tanto faz. Eu presto atenção no que eles dizem, mas eles não dizem nada, ié ié. Contra todos e contra ninguém, o vento quase sempre nunca tanto



diz, estou só esperando o que vai acontecer. O teu futuro é duvidoso. A gente não sabemos escolher presidente. Polícia para quem precisa? A gente vive junto, a gente se dá bem, não desejamos mal a quase ninguém. Procuramos independência, acreditamos na distância entre nós. Essa saudade que eu sinto de tudo que eu ainda não vi. Sonífera ilha, descansa meus olhos. Todo o dia o sol da manhã vem e nos desafia. Pro dia nascer feliz.

De repente ele grita: Mamãe, repete aí aquela do homem primata!

Eu chorando grosso.

Às vezes é preciso lembrar como é a sensação de sair de certas furadas.

---

Ele é o Davi, meu filho.

Eu e o pai do Davi já não vivemos como casal, mas estamos sempre juntos. O nome do pai do Davi é Pedro. Ele é médico.

Quando começou a pandemia nós decidimos que o Davi ficaria mais seguro se não revezasse as casas por um tempo.

Isso aconteceu há mais de um ano.

# O jogo dos dias

Carla Maia

É preciso começar pela margem. Primeiro, separar as peças, isolando todas que tiverem uma lateral perfeitamente reta, são as que formam a moldura, estabelecendo o limite e o início das conexões restantes. Atenção para as peças com duas laterais retas, essas são as de canto, é importante ter atenção aos cantos. Depois, seguir orientando-se pelas cores e pelos formatos até completar as bordas, para perceber com mais nitidez como preencher os espaços que faltam.

É recomendável organizar as peças por cor e aspecto, formar pequenos conjuntos, isolar aquele em que predomina o azul daquele que se destaca pelo amarelo. Isso facilita a busca pelas peças que pertencem às diversas áreas que compõem o quebra-cabeça. Pode ser que, no fim, uma peça amarela complemente uma outra azul, mas isso só se descobre depois, à medida que o jogo avança. A regra mais importante é ter paciência e não forçar o encaixe. A peça correta se encaixa sem esforço.

Passar o tempo em busca do encaixe justo foi uma forma de lidar com essa realidade desencontrada em que sempre parece que as peças não têm desenho, não formam nada, ou, de repente, juntas, formam um bloco de imagem inquebrantável, o absoluto sem retorno. Me peguei pensando nos dias como quem procura um método de preenchimento de espaços, de adaptação precisa. Primeira recomendação, montar a moldura. Em cada canto do dia, uma refeição. Entre uma refeição e outra, o que encaixar? Minhas multitarefas se misturam às do meu filho – fazer reuniões, alimentar os cães, limpar o chão, lavar louça, tirar o pijama, lavar roupa, fazer a cama, aulas remotas, tarefas da escola, exercício físico, hora do jogo, preparar os materiais para a aula de artes, preparar refeições, preparar aulas,

preparar o banho, preparar, preparar, preparar, quando estamos prontos, afinal?

Tento organizar as peças em subgrupos. Separo os momentos de trabalho dos momentos de respiro, observo se o primeiro conjunto não desequilibra demais o segundo, apenas para constatar que, sim, na montagem da rotina diária, a área das tarefas é bem maior do que a área de lazer, como um grande firmamento azul que se impõe sobre um campo de girassóis amarelos. O mais importante é não forçar o encaixe, repito para mim mesma. Adaptar-se, ter paciência. Uma pecinha de cada vez, um dia de cada vez.

Outras brincadeiras me ensinam. Por exemplo, para jogar paciência, é preciso aprender a sequência das coisas e reconhecer que a desordem pulsa no coração da ordem. O xadrez me ensina a ter atenção ao movimento do outro e a reconhecer que grandes jogadas muitas vezes envolvem grandes sacrifícios. Renunciar ao cavalo para salvar a torre. Deve ser por isso que acho xadrez o jogo mais difícil. Não gosto de sacrifícios, sou péssima em previsões. Já jogar memória eu gosto bem: é sobre tentar, errar, tentar de novo, errar melhor, memorizar o erro para evitar que ele se repita, sabendo que é dos erros a tendência à repetição. Também é sobre esquecer. No instante em que viro uma carta, percebo que já me esqueci da que abri na jogada anterior. Qual era mesmo a posição do filhote de onça-pintada?

O mais bonito é perceber meu filho crescer com as brincadeiras, nesse exercício de entender as regras e acolher o acaso. Na memória, seus oito contra os meus quarenta anos de idade conferem larga vantagem. Envelhecer é se conformar ao esquecimento. No xadrez também perco fácil, ele já me aplicou um xeque-mate em três jogadas. Faz sentido que ele me supere, porque é dessa energia de superação que ele foi parido, amamentado e criado. É com a superação que os nossos dias juntos vêm sendo preenchidos, desde o início da pandemia. Ainda que pareça – e seja – impossível superar completamente.

Com o quebra-cabeça, trabalhamos em equipe, vibramos por cada pequeno avanço, cada nova peça que encontra seu lugar. “Essa foi difícil!”, ele diz sorrindo, e, por um instante, tudo se encaixa. E logo voltamos à busca do ajuste cabível, ao desafio de lidar com o excesso de desordem diante da exigência da ordem. Ainda que seja impossível ordenar tudo perfeitamente. É outra curiosidade sobre os quebra-cabeças, pelo menos os nossos: sempre parece sobrar uma peça.

# Belo Horizonte, 30 de julho de 2021

21

Junia Mortimer

contínua – maternidade e isolamento social

Escrever um texto sobre maternidade e pandemia? Sobre Gil e a falta de tempo? Sobre política, persistência, cotidiano? Não sei como desviar desse tema nem do quanto me ocupou a diferença entre homens e mulheres na distribuição dos cuidados da domesticidade.

Esgueiro-me ao redor do tema: nenhuma iluminação nem cheiro de fagulha; total ausência de disparador, nenhuma imagem. Ouço canções ácidas de Mautner que não ajudam a situar o coração obtuso diante da sobreposição entre o novelo-nó da pandemia e os descaminhos que hora ou outra irrompem a continuidade da vida.

\_\_\_\_\_ Relato bestialmente que a bicicleta (no que ela faz ao corpo, e sobretudo no que ela possibilitou aos meus olhos) ajudou a desenquadrar o que a câmera tinha condicionado ao longo de alguns anos de fotografia. Pragmaticamente, pedalar ajudou a pirar menos e a reposicionar o redemoinho que pode se tornar a domesticidade em tempos de isolamento social.

A maternidade não é uma entidade, não é um campo separado. E eu não me esgote nela. O que me escapa é tentar dizer alguma coisa em torno da singularidade absurdamente subjetiva dessa experiência. Continuo a escrever como se a escrita pudesse fazer esse deslocamento. \_\_\_\_\_ Os que me olham. Que tanto encaram?

Continuo a escrever com a caneta azul no caderno bonito no meio do mais burguês dos cafés de beagá. Imagino-me rodeada de bandeiras verde-amarelas gritando que nossa bandeira jamais será vermelha. Rodeios, volteios, o nojo do momento político do país.

\_\_\_\_\_ Relato ainda que, sim, o tempo escasseou, o cansaço aumentou; o medo foi menor que o desabamento dos afetos a olhos vistos; aos

olhos de uma criança de dois para três anos; de três para quatro anos. Metade de uma vida vivida em condição de isolamento social. As coisas truncaram, o intestino travou: “Não é para sair, mamãe!”. E de mim vazou uma dor inédita: a flecha de um fracasso que excede o território de meu corpo e atravessa o corpo do outro, por quem sou responsável. Sim, o mais inocente de todos. A injustiça nasce na intimidade? Pedir ajuda. Não se envergonhar de pedir. E pedir quantas vezes forem necessárias. Para receber da forma que for possível. Falhar sempre. Falhar novamente. Falhar melhor. \_\_\_\_\_

Os traços do tempo me separam de todas as palavras já escritas. Uma escrita-traço, escrita-rastro; escrita-lastro? se despede de meu esforço de pensar sobre o tema da maternidade na pandemia para se satisfazer com uma catação de algumas farpas e talvez nenhuma poesia. Vejo que há pontas cortantes entre os restos catados que rasgam qualquer desejo precipitado de construção de sentido. Tento redimensionar o sofrimento pela régua dos privilégios sociais e isso me recompõe; ao tempo que me permito receber o abraço de quem me diz que ao sofrimento não cabe comparação. Sua medida é sempre real. Faz bem, ainda assim, descentrar-me do umbigo e distribuir meus esforços no arrasamento do fora. \_\_\_\_\_

Quando morei em Lisboa, eu quis ser escritora e em tempo salvei as livrarias de algum tomo a mais para dizer de menos. Já quis ser tanta coisa. Continuo querendo. Ser mãe? Eu não sabia o que era esse desejo nem sua origem, e acolho tanto minha ignorância como todo o empenho de meus pais em minha criação. [É verdade que há um perdão que só consegui acessar por meio da maternidade, ainda que sejam muitos os caminhos para essa forma do amor. Mas isso não tem a ver com a pandemia. Rodeios, volteios: trejeitos de uma herança barroca ou de um gosto por Severo Sarduy que me veio pelo amigo historiador baiano].

Por fim, vamos aos fatos – assumimos em casa alguns riscos: nosso filho voltou a frequentar a escolinha. Termômetro, gel, troca sapato, gel, 25 máscaras por semana, gel, macacões, visor de plástico, acesso restrito, boletins semanais, acompanhamento profissional,

alô? coriza?!, busca a criança, suspensão da frequência por cinco dias em função de uma rinite fora de hora, cancela reunião, casa da vó, corrige os trabalhos, roça, fecha as notas do semestre, retorno, tenta avançar na escrita do artigo, termômetro, gel, troca sapato, gel, máscara, gel, boletim, gel. Nas mãos, na boca não, filho! Nada tira o risco da contaminação, fina lâmina suspensa pelo fio dos dias. Falta de consciência? Da parte de quem? A dimensão política da intimidade, da domesticidade. Democracia do cuidado. Precisamos falar sobre isso.

# Pontos de Nós

Mari Polke

Mãos, gestos, linhas visíveis e invisíveis. Um ponto ligado ao outro. Tenho pensado muito sobre as mãos. Em algum momento da pandemia, uni as pintas do meu braço com uma canetinha rosa, assim como meu filho riscou a parede em um ataque de fúria. Mãe, você está mais calma agora? Eles me perguntam. Nessas horas, acho que deveria bordar. Viver, ultimamente, me lembra o fazer de um bordado. Eu não sei bordar, arrisco algumas coisas para me acalmar, para diminuir o ritmo – do meu coração, do meu dia, dos meus pensamentos. Mas, pensando bem, essa vida bordada às vezes me parece mais um bordado que está sendo feito do lado avesso. Não vejo o resultado, só o verso. A agulha que vai e volta, deixando os pontos por trás e os espaços entre o que está sendo feito.

Não sei como o bordado está ficando do outro lado, apenas desconfio e confio. Mas é preciso continuar bordando para que a agulha não espete minhas pernas, onde, por vezes, coloco o bordado para descansar. Vida que descansa. Um respiro. Li muitas coisas bonitas neste período de pandemia. Que pausa também é movimento. Poderia ter lido muito mais. Mas não, pois a vida me chama e ela tem seis e quatro anos na maior parte do tempo.

Quando tudo ao redor para, mas dentro de você tudo rodopia, parece bem incoerente. A vida lá fora se contrai, mas aqui dentro sou tantas, tantas vidas tentando caber, transformar, expandir. E, então, o choro vem, porque a água que flui tem mais vida que a água parada e ela vai deixando linhas invisíveis no meu rosto. E eu tento esconder com minhas mãos. Mas meu filho me lembra como isso é bom. Mãe, só quero chorar mais um pouquinho (porque cortei o dedo, porque não tem pepino, porque a blusa sujou, porque o Nico quebrou meu carrinho). Chorar é a única coisa que me ajuda agora.



E em seu rosto as linhas das lágrimas deixam marcas misturadas com o suor, areia e terra de suas mãos.

Uma separação. Filhos crescendo. A partida de um avô do outro lado do oceano.

Ele que nunca falava que me amava, mas disso eu sempre tive certeza. Não pude tocá-lo nem abraçá-lo. Pude vê-lo pela tela do celular. Como é que isso pode se tornar aceitável? Me lembro das suas mãos. Mãos enormes, que me acordavam quando criança, fazendo massagem, puxando cada dedinho das minhas mãos e dos meus pés. E, então, penso nas mãos dos meus filhos, tão diferentes, com as unhas quadradas, a pinta no dedo mindinho. As mãos que me procuram e pedem um carinho. As mãos, as linhas e as primeiras letras no papel. Vinte e seis máscaras desenhadas durante a pandemia. E o avô que virou história para eles.

Ainda assim, surgem os espaços-convite. Um parquinho com os meninos. Um encontro com um carinha na sexta. E, dessa forma, tanto a areia quanto a excitação entram no meu apartamento de 57 metros quadrados e a vida lá fora se mistura com a vida aqui dentro. E eu continuo bordando sem poder ver como está ficando. E me lembro das mãos da minha avó me ensinando. Mãos tão delicadas. Quantas vezes essas mãos e essas pernas foram espetadas pela agulha dourada?

A agulha que borda a vida no tecido do avesso é a mesma que fura o balão verde do meu filho em um momento em que me descontrolo. De fome, exaustão, raiva, carência, saudade. É como se, nesse ponto do bordado, eu puxasse um pouco mais firme a linha e uma ruga se formasse no tecido. Quando um ponto é mais firme e o tecido chega a enrugar, todo o bordado é repuxado. Tudo muda de lugar. Quantas rugas ganhamos durante este ano e meio de pandemia?

Mamãe, quando você conheceu o papai, você sentiu algo na sua barriga? E quando foi que vocês deixaram de ser um casal? E ele nunca mais vai morar aqui neste apartamento? Teremos sempre duas casas? Eu não gosto das palavras madrasta e padrasto. Eles também serão nossos papais e mães? Mas ela não pode dormir

na cama do papai, por causa do corona. Então o Emílio é tipo o seu padrasto? Achei que ele fosse como um tio. E assim, no meio de um tapete com lego espalhado, entre um lockdown e outro, meus filhos também vão fazendo seus próprios bordados. E eu me assusto toda vez que vou cortar suas unhas, pois vejo o tempo se materializando em suas mãos.

“Mamãe, sabe quem eu mais amo? Nossa família. Eu, o Nico, você e o papai. Mas, de todo mundo, quem eu amo mais e mais, sou eu mesmo” – escuto isso e, nesse momento, é como se eu desse uma espiadinha do outro lado do tecido e percebesse que o bordado está ficando sim bastante fascinante.

# Bloco de notas para a memória de uma mãe em construção

Maria Elisa Macedo

*Dedico esse texto à minha mãe,  
que segue amor tão presente em mim.*

Eu começaria e terminaria da seguinte forma: por causa da maternidade e do isolamento social não pude escrever este texto.

...

Há um caderno de anotações em todos os lugares da casa. Em cada canto um. Todos vazios. Ou com frases soltas. Palavras que parecem vagar. Alumbramentos, receios, angústias, alegrias e descobertas. Hoje os junto como um quebra-cabeça.

Ainda que minha sede pela escrita não cesse, pelo tempo, a falta dele, o desejo por esses registros se perdem. Temo perder assim a memória desse tempo.

Me atrevo aqui a juntar o que está em cada cômodo de dentro de mim. O pulsar do cursor na tela, o lápis batendo no papel.

O isolamento social tem várias derivações. Ao menos em mim tem sido assim. Quando penso nos porquês e nas consequências disso, dessa pandemia descontrolada, péssima gestão do Estado, que acabou recaindo sobre todas e todos – mais sobre as mulheres, mães, trabalhadoras, me ferve a face, a cabeça agita. Claro, como não.

Pronto. Achei o viés para a escrita.

Me lembrei nesse percurso que há também o isolamento maternal. A roda mudou. Me mudaram. Será? Mas escrever sobre isso? Meio deprê. Mais deprê.

Pensei então em escrever sobre o fascínio de PRESENCIAR tão de perto o meu filho crescer. E eu, a ser mãe. Definitivamente a experiência mais forte e bonita que já vivi. Imagino que assim será. Vivo intimamente a mudança dos gestos, vejo o cabelo que acorda mais cheio, as habilidades que vão se somando, o afago, o lugar que nos tornamos. Nada nunca me trouxe tanta presença. Poderia falar horas sobre isso.

Todo dia ela acorda e faz tudo sempre igual, mas tudo já está diferente. O *looping* das mesmas coisas, só que diferentes todos os dias.

Adormeci ontem com a felicidade de poder comemorar o primeiro “Dia das Mães” com Martim, agora, fora da barriga. Mesmo sabendo do engodo capitalista até o osso. Fui acordada por ele, tal como acontece todas as manhãs. E esse amanhecer, por mais preguiçoso que seja (saudades de dormir mais de três horas seguidas), é uma delícia. Eu amo encontrar com esse rosto que por mais de nove meses fiquei curiosa para saber como era. Não tem romantismo nisso. E, ainda assim, são lindos esses encontros com essa explosão de sentimentos diários 24 horas por dia. É de fato uma imensidão a maternidade. E fui me emocionando, me indignando, me alegrando com tantos relatos. Isso enquanto amamentava Martim e já partia para sua rotineira soneca matinal. Quis que ele dormisse rápido para poder ler mais e poder passar para o papel o que me ocorria e partilhava em escritas o que ressoava dentro. E por um lapso de segundo me dei conta de que, além do sono que em mim abundava, eu estava com meu filhote pregado em mim, já de olhos fechados, num quatinho escuro, nós dois deitados, escutando uma das músicas que o embala nesse momento. A mãozinha dele recosta no meu peito. Quis ficar ali. Não só ele precisava de mim naquele momento, mas também eu dele. Larguei o celular e o fitei. Titubeei entre dormir com ele ou contemplá-lo. Fui observando cada detalhe do seu rosto, corpo, respiração. Relembrei, como um vendaval que abre janelas de madeira, do dia do nascimento dele. E chorei. Nunca tinha revisitado aquele dia assim. Me veio a sensação nítida de carregá-lo

pela primeira vez. Não lembro da dor. Mas lembro dele vindo, do medo que se foi quando olhei pra ele, cheio de sangue que se misturou com meu suor. Olhei para ele e me lembro de dizer para ele, em pensamento ou em voz, não sei, “é difícil mesmo nascer, filho”.

Chorei há pouco me lembrando desse dia e agora vendo ele, sentindo-o no meu colo. E de como o cansaço é extremo, e que viver essa oportunidade é grandioso, acolher. O gesto simples. Esse colo, que de fora é tão contestado. De fato é um privilégio desse par – dar e receber colo.

Amanhã voltarei para minha atividade laboral – digo assim, pois me recuso a dizer que “volto a trabalhar”, sendo que o que mais fiz nos últimos meses foi justamente isso. Ressoa em mim a tensão da dicotomia. Estar cansada e amar imenso. De ter sono e ser inteira um estado de alerta. De chorar a dor do mundo e me invadir uma felicidade genuína. De adorar minha profissão e desejar ir devagar. De me desesperar por causa do isolamento, de não poder sair de casa, ver os meus e agradecer que posso viver tão amiúde a vida crescer fora de mim. De onde veio essa angústia de me sentir tão feliz e grata e, por isso, não poder reclamar da solidão, da exaustão, das saudades, da falta de rede de apoio?

Um turbilhão de sentimentos se entrelaçam em mim. Aquela sensação de muitos colares juntos que pendurados se enrolaram e agora preciso desembolar.

Quero partilhar sobre ser mãe, ser filha. Ser filha que está sem a mãe. Que mãe é lugar. Quero falar sobre como não dá para dissociar a maternidade, a maternagem do político. De como as estruturas vão mostrando suas rachaduras ao ver-me mãe e isso só fortalece o que antes já fazia luz. Me vêm questionamentos de expressões que hoje noto equivocadas, como “recompensa”, “estar no lucro” e “dormir como um bebê”.

Ser mãe não é moeda de troca, nem para meu filho nem pra ninguém. E dormir é difícil para bebês, eles precisam de ajuda, têm um dispositivo primitivo neles que diz que adormecer é correr perigo – e eu nem fazia ideia disso. E que sentem fome, angústia, saudade

já nessa tenra experiência humana. E que aceitarmos isso não nos faz menos cansadas. E acolhê-los, seja a hora que for, com carinho, aconchego e colo não fará mal para eles, ao contrário, construirá uma segurança emocional, afetiva e cognitiva bem enraizada. Queria falar sobre meu lugar de privilégio, e também da exaustão. Dos direitos usurpados, que se convertem em privilégios nos dias de hoje. Me compadeço das várias mulheres que não têm a oportunidade de ser acolhidas, abraçadas. Das milhares e milhares de mulheres que precisam sair para trabalhar fora e deixam seus filhos.

Queria falar sobre chorar. Sobre fragilidade, medos, coragem. Sobre algumas coisas que nos dizem, como: “Não chore na frente do seu filho”, ou “que o bebê chora o que a mãe cala”.

Vou te contar: eu chorei muito desde que Martim nasceu. Muito mesmo. Choros a que até hoje não consigo dar nomes. Choros de brigas, de emoção, de amor, de derretimento, de cansaço, de ansiedade, de tristeza, de saudade da minha mãe, de medo, de deslumbramento, por me sentir perdida, sozinha. Chorei quando ele chorou. Quando tomou a vacina. E sabe o que isso diz sobre mim? Que ele conheceu a humanidade da mãe dele, que não é guerreira, nem heroína. Minha fragilidade não é contrária à minha disposição ávida a ser sua proteção, seu apoio, seu colo.

Duvidei da minha capacidade de ser boa mãe. Ainda acontece. Mas me fortaleci (e me fortaleço) ao saber que sou suficientemente boa, que sou seu abrigo e sou uma construção. E amo sê-lo. E amo cada parte minha que sabe disso e se entrega às vulnerabilidades e fortalezas e não quer mais duvidar da sua capacidade e possibilidades. São duras as demandas do dia a dia dessa mãe que, por causa do isolamento pandêmico, não tem ajuda e vive uma gincana diária, no meu caso, em dupla com meu companheiro. E a parte mais legal disso tudo é ser mãe do Martim. O puerpério me trouxe uma sensação de estar em escombros. E também de nascer – e isso, repito, não é tarefa fácil. Para ambas as situações, soube a fresta de luz. Feliz pela minha escolha, de ser uma mulher livre que escolheu ser mãe.

# Começo e violência

Marina Guimarães

Não quis marcar a data do parto do meu segundo filho. Na minha primeira gravidez, cheguei à 42<sup>a</sup> semana sem contrações nem nenhum “sinal de parto”, e o médico indicou a cesariana. Os índices de cesariana no Brasil chegam a 95%, o maior índice de todo o mundo. Entrei para essa estatística. Fiquei frustrada, mas confiei no saber científico do médico. Ele usava o maior dos argumentos: a vida do meu filho estava em risco, e ele não poderia mais assumir o risco. Pedi para induzir o parto e o médico me convenceu de que o melhor para o meu filho era a cesariana. A culpa, no fim, seria minha. Argumentos médicos que eu quase não conseguia mais ouvir depois de três semanas sem dormir por dores nas mãos, em decorrência de uma “síndrome do túnel do carpo”, que me acompanha desde então.

Três anos depois foi o segundo parto. Eu já me sentia mais forte, já via que a maternidade era possível e real. Dessa vez, eu tinha mais experiência, me sentia mais emancipada e podia argumentar com um médico com um pouco mais de autonomia. À espera do segundo filho, tive um problema gestacional e fiquei de repouso por quatro meses. Minha resistência foi me sentir segura para escolher meu parto. Eu queria, não a todo o custo, mas queria um parto vaginal. Diferentemente de muitas mulheres, eu tenho condições de escolha. Era o que pensava. Em muitas medidas, tenho, em outras tenho meu corpo controlado como o de tantas mulheres.

O obstetra que me acompanhava disse que era arriscado um parto vaginal tendo em vista que tinha tido uma cesariana havia três anos. Risco de ruptura uterina. Saí da consulta e procurei diversos artigos médicos sobre o assunto, em revistas científicas de qualidade. Perguntei também a colegas professoras da área. Cheguei ao

mês seguinte com diversos artigos e com um dado estatístico claro: o risco da ruptura uterina no meu caso (três anos após o primeiro parto) era menor do que os riscos da própria cirurgia cesariana. Ele disse: “tudo bem! Quando começarem as contrações voltamos a falar da cesariana”. Nesse momento, contou diversos casos sobre mulheres que começaram com “essa história de parto normal”, mas antes de atingir os três centímetros de dilatação já imploravam por uma cirurgia cesariana. Quando perguntei sobre doula, ele disse: “Marina, muito me impressiona, uma mulher com sua formação, professora universitária, voltando às práticas de povos subculturais, como as do interior do Nordeste do Brasil, que insistem nessa prática ancestral”. Naquele momento, percebi a linha abissal, num sul não geográfico, que me separava daquele discurso que, ainda assim, me ameaçava.

Não tinha mais volta. Estava com 37 semanas de uma gestação de risco. Nenhum médico me aceitou como paciente. Até esse momento, embora tivesse lido muito sobre o parto natural, as minhas consultas eram quase que na totalidade sobre como não perder o bebê ou como não provocar um nascimento prematuro.

Tentei me fortalecer a partir de outras redes. Encontrei uma doula, amiga de uma amiga, que me atendeu por mensagens de celular. Ela morava em outra cidade. Foi muito importante. Uma amiga médica, que já tinha tido dois partos vaginais, se dispôs a ser minha guardiã para assuntos médicos. Meu companheiro teve como lema o respeito: seu corpo, suas regras. Ao meu lado, sem questionar.

Chegou o dia 22 de outubro de 2015. Pedro escolheu a “data prevista” para o parto, como indicado pelo médico no primeiro exame de ultrassonografia.

À 0:40 comecei a ter contrações; Pedro nasceu por cesariana às 20:40. Nesse dia duas mulheres ocuparam parte do meu pensamento: minha mãe e minha sogra. Até hoje com nenhuma das duas falei sobre o assunto. Minha mãe teve um parto difícil no nascimento do meu irmão mais velho e ambos quase morreram. Perdeu uma filha aos nove meses de gestação, por erro médico. Minha sogra, mãe de



três filhos por parto vaginal. Filhos que, nas palavras dela, quase nasceram no corredor do hospital. De forma indolor e sem nenhum problema.

Naquele dia, a história da minha sogra me dava força e a da minha mãe me dava medo.

Resolvi que seria um dia para conhecer meu corpo, os limites da minha dor. Confesso que, desde esse dia, lido de forma diferente com meu corpo – mais livre e mais segura.

Fiquei em casa, no meu quarto, até às 18 horas. Contrações, banhos, massagens. Bruno e minha mãe estavam comigo. Bruno segurando minhas mãos e minha mãe me dizendo para ir para o médico a todo momento.

Fomos para o médico. Saí de casa sabendo da enorme possibilidade de não ter um parto vaginal. Ainda assim, sabia que aquelas horas já tinham valido a pena.

Cheguei ao consultório do obstetra. Bolsa rompida e com sete centímetros de dilatação. O obstetra não conseguiu esconder sua frustração. Afinal, até aquele momento eu não falei de anestesia, nem de cesariana. Ele perguntou, na minha frente, ao meu companheiro: “ela vai querer mesmo isso?”. Convivendo com as dores, e exercendo um controle sobre meu corpo que não sabia que era possível, fui para a maternidade. O obstetra disse que ia em seguida.

Até aquele momento, esse relato seria apenas de emancipação do corpo e autocontrole da dor. Até aquele momento, nada para mim havia sido sentido como violência, embora hoje seja evidente que já estava ali.

Ao entrar na maternidade o cenário mudou. Meu obstetra, que já havia combinado que estaria presente no meu parto, disse que teria uma reunião imperdível e não poderia mais ficar. Pedi para ele ficar, implorei. Ofereci pagar. Não era possível.

O parto vaginal estava mais distante agora. Quem acompanharia o meu parto seria um/a médico/médica de plantão. Certamente não fugiriam aos dados estatísticos da cesariana. Eu sentia o bebê praticamente nascendo.

Chegou a doutora Maria de Fátima. Fez o toque. Estava com oito centímetros de dilatação. Pedi às enfermeiras para me prepararem para a cirurgia. Não me olhou. Não me disse nada. Eu disse que queria tentar o parto vaginal.

– Te dou cinco minutos – disse ela.

Um minuto depois, duas enfermeiras entraram e me amarraram à maca. Eu estava, segundo elas, parecendo um animal com dor e tinha que ser domada. Rasparam meus pelos pubianos. Cortaram-me a pele. Estavam preparando a cesariana.

Bruno foi procurar outro médico. Não aceitou o comportamento da médica comigo. No momento em que as enfermeiras me cortaram ele não estava no quarto.

Encontrou outro médico. Esse médico havia sido meu obstetra no início da gestação. Ele não prosseguiu porque esteve fora do Brasil por meses. O doutor chegou e disse que faria meu parto, que eu não tinha mais condições de esperar por um parto normal e que poderia ficar tranquila.

Estava na sala de cirurgia, deitada, com muitas dores. Agora as dores já eram outras. O anestesista pedindo para que eu tivesse calma, iriam me anestésiar e se eu me mexesse poderia ficar tetraplégica. Eu estava tendo contrações. Certamente quase para o nascimento do bebê. Como iria ficar parada? A doutora Maria de Fátima me segurou, fiquei por dias com as marcas dos dedos dela nos meus braços. Fiquei calma. A dor havia acabado e meu parto vaginal também.

Lá estava a doutora Maria de Fátima. Deveriam ser dois obstetras para realizar o parto. Ela começou a falar, a me xingar. Eu estava ali para afrontá-la, eu não tinha o direito de interferir no plantão dela. Disse que poderia fazer o que quisesse de mim. Como já tinha feito.

Olhei para o lado e o Bruno não estava. No Brasil é direito da gestante ter um acompanhante na hora do parto. Pedi que o chamassem. Ela disse: “nem seu marido se preocupa, senão ele estaria aqui”.

Vomitei.

Ela disse: “quem vai limpar esta sujeira? Acha que vou fazer um parto nesse lixo?”. O doutor, embora mudo e sem me defender, pegou um pano e limpou o vômito. Disse: “assim está bom para a senhora?”.

Mas ela não parou. Ela continuou a gritar. Disse que havia uma mulher com gravidez tubária que tinha perdido o bebê, e, pelo meu “show”, eu devia estar sofrendo mais. Eu estava anestesiada sobre uma cama.

## **Caderno de Leituras n.133**

*Continua – maternidade e isolamento social*

Alice Bicalho, Babi Amaral, Barbara Lito, Carla Maia,  
Junia Mortimer, Mari Polke, Maria Elisa Macedo,  
Marina Guimarães, Sylvia Amélia

### **Edição**

Maria Carolina Fenati

### **Revisão**

Andrea Stahel

### **Projeto gráfico**

Rita Davis

### **Imagem da capa**

*Mulher Filtro*, Sylvia Amélia

### **Coordenação da coleção**

Luísa Rabello

Maria Carolina Fenati

Composto em Zenon e UnB Pro

Edições Chão da Feira

Belo Horizonte, setembro de 2021

Esta e outras publicações da editora  
estão disponíveis em [www.chaodafeira.com](http://www.chaodafeira.com)

Este projeto foi realizado com recursos  
da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Realização



Incentivo



CULTURA

